

Sobre a perda da intimidade

Susana Scramim¹

As reflexões que seguem se orientam em torno de cinco cenas que dão sequência a imagens/experiências com a intimidade em dias de isolamento social.

A primeira cena parte do elenco Humanismo, Jogo, Técnica, Violência e Arte.

A segunda envolve a Amizade, Intimidade e Pesquisa.

A terceira contrapõe Euforia à Utopia e à História do Futuro.

A quarta presentifica a Pobreza, a Revolução e o Pessimismo.

A quinta em busca pelo Sentido da Vida faz o jogo de espelho entre Inteligência Artificial e Subjetividade.

Esses conceitos serão grafados ao longo do texto como se fossem substantivos próprios, porque se pretendem como construção conceitual.

A motivação dessas sequências nasce do impasse produzido pelo distanciamento social que foi imposto a toda sociedade urbana do planeta em razão de uma pandemia descontrolada. Todo modo de isolamento social é uma violência que se realiza ora pela lógica do campo de concentração e de refugiados ou dos fechamentos de cidades a partir de imposições sanitárias.

Assemelhando-se a uma reação diante do sequestro abrupto de nossas práticas cotidianas de ensino na universidade, aquilo que desejo elaborar neste texto é um mosaico das situações as quais os membros da comunidade acadêmica fomos forçados a submeter-nos. Muitos dos métodos e instrumentos de convívio e de ensino-aprendizagem a que nos

¹ Universidade Federal de Santa Catarina/CNPq.

submetemos nesse momento foram rechaçados por nós mesmos até agora. E os motivos pelos quais os rejeitávamos passam pela justificativa de que esses meios nos levavam para longe de nossos objetos e objetivos que eram e são a criação de ambientes de convívio e de intimidade com a pesquisa e com os sujeitos pesquisadores.

Cena número 1

Walter Benjamin e o Humanismo

Já vivíamos o impasse na relação entre Técnica e Subjetividade nos debates em torno da sobrevivência do Humanismo na cultura do Ocidente antes da pandemia ser instaurada em março de 2020. Essa crise sanitária apenas transformou um debate com consequências elegíveis em uma questão de emergencial e impositiva. Todos fomos compelidos a enfrentar esse desafio. Restou-nos enfrentar imediatamente o impasse de pensar modos de convivência com a Técnica para mediar nossas relações interpessoais no Humanismo e na Arte. A questão que me inquieta e aflige é a de como produzir experiência com a intimidade em tempos em que a mediação com a Técnica é impositiva?

424

Walter Benjamin detectou em suas análises que os “fascismos” fizeram uso da Técnica em seu aspecto mais primário: como lugar de captura da subjetividade que era transformada em individualismo narcisista. Entretanto, para o filósofo alemão a Técnica poderia ser também uma ferramenta para produzir outros modos de subjetividades, mais próximos daquilo que a cultura medieval chamou de “vida interior”. A Técnica poderia ser pensada como lugar de jogo entre modos de vida descentralizados, de intercâmbio, de pluralidades mediadas, aquilo que foi definido por ele como *Spielraum* e que produz uma experiência com a imagem, *Bildraum*². Sobre a Técnica pensada como mediadora de pluralidades subjetivas, Benjamin ainda afirmaria que o cinema seria capaz de levar a cabo uma transformação dos sujeitos autocentrados desde que não

² Segundo Márcio Seligmann-Silva, esse modo de lidar com o impasse pode ser considerado o “embrião de uma técnica do artista que consiste em extrair da ação um novo e poderoso espaço de imagem, *Bildraum*, correspondente a um mundo ‘em sua atualidade completa e multifacetada’ que leva a uma destruição da imagem do indivíduo denominada ‘destruição dialética’” (Cf. SELIGMANN-SILVA, 2019, p. 52-85).

se empenhasse na reprodução e sobreposição por contiguidade do indivíduo moderno aos modelos oferecidos pela planificação dada no uso da “voz-língua materna e imagem”. Esse par precisaria ser evitado porque está associado à reprodução de identidades já conhecidas e não à revolução e criação de outras formas de vida. Walter Benjamin ressaltou que a crise econômica fez com que a voz dos atores fosse incorporada aos fotogramas do filme, até então mudo, como alternativa para se encontrar novamente o caminho até as massas consumidoras e não produziria emancipação do pensamento. Elas encontrariam na voz, na prosódia e na língua materna do ator uma nova maneira de comunicação consigo mesmas, tendo como consequência a produção de uma arte limitada pelo monolinguismo. A isso ele denominou estetização da arte e ela seria uma das promotoras da ascensão do fascismo insipiente na sociedade europeia. Como antídoto a esse processo de captura do cinema pela barbárie capitalista, Benjamin propôs a politização da arte, constituindo-se na principal tese de seu ensaio “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”.

425

E é desse lugar que eu gostaria de partir. Sabemos que Benjamin constrói essa tese com base em outra mais ampla do materialismo histórico que é a de que os meios de produção e reprodução na sociedade são produtores novas formas de subjetividades. O tsunami fascista na Europa foi desencadeado também pela comunicação fácil entre o indivíduo nacional e a contiguidade entre “voz-língua materna e imagem”, mediados pela Técnica. Isso se constata quando se lê a crítica que Benjamin escreve ao livro *Krieg und Krieger*, editado por Ernst Jünger, se posicionando contra o culto místico à guerra que sociedade alemã professava naquele momento, como é possível ler em seu artigo “Teorias do fascismo alemão”, publicado em 1930, no qual ele também destaca o aspecto mortífero da Técnica.

A reprodução de identidades foi algo combatido por Walter Benjamin em diferentes frentes de sua atuação como crítico cultural. No início da década de 1930, ele realizou um projeto pedagógico usando os aparatos técnicos à sua disposição. Organizou uma série de transmissões de rádio com o intuito de contar às novas gerações da Alemanha os processos de formação da cultura burguesa europeia. A composição dos programas que foram apresentados ao público ouvinte era feita com base na

combinação inusitada de materiais até então esquecidos pelas novas gerações. A diferença operada pela iniciativa de Benjamin – se comparada aos usos narcísicos da Técnica nas Humanidades – estava na forma de apresentação desses materiais. Cito alguns exemplos: a compilação de cartas particulares de personalidades alemãs e sua publicação em suplementos culturais de jornais, coleção e publicação de fragmentos de declarações e cartas oficiais sobre a Revolução Francesa que ele publicaria em periódicos e no rearranjo de fotografias documentais, montando imagens-experiências potentes.

Isso desperta minha atenção para estratégias de divulgação cultural. Quando se fala nisso na universidade, quer seja, divulgação científica ou cultural, as críticas e o rechaço por parte dos pesquisadores são imediatos e muitas vezes sem reflexão mais ampla, porque o que os resultados mais comuns dessas iniciativas mostram são livros de linguagem próxima do “senso comum” ou “acessível” e aulas “shows” sem qualquer tipo de reflexão inteligente compostas por *youtubers* em busca de fama. Walter Benjamin fez, entre outros trabalhos, divulgação científico-cultural. É evidente que não havia de sua parte interesse algum em facilitar aquisição de conteúdo que, por acaso, algum jovem estudante não tivesse estudado ou encontrado. Não se tratava de um trabalho de construir depósitos de conhecimento ou de uma enciclopédia no sentido tradicional do termo. Benjamin tinha o claro propósito de criar possibilidades de recombinações de materiais, o que também exigiria da parte do estudante a disposição para a produção de conhecimento e, portanto, para o nascimento de novas formas de subjetividade. Agindo assim, o que ele produzia era a conexão do sentido da aprendizagem à Técnica. O objetivo era a produção de uma tecnologia que provocasse uma revolução contra o avanço do fascismo da identidade única na Alemanha daqueles anos.

Durante um ano, entre abril de 1931 e maio de 1932, Benjamin coordenou no jornal *Frankfurter Zeitung* uma publicação que se pautou pela modalidade da série. Várias semanas foram necessárias para que a sequência tomasse forma e seu sentido pudesse ser compreendido pela época do antologista. Benjamin publicou e comentou cartas particulares trocadas entre membros e idealizadores do pensamento burguês na Alemanha. Ele

entendeu que havia que enfrentar a primeira e fundamental crise da burguesia alemã, em cujo ambiente se respiravam os problemas do desenvolvimento industrial depois de 1871, com uma recomposição educativa da memória cultural. Foram nesses anos quando os princípios intelectuais que sustentaram a burguesia e que também tinham justificado seu aparecimento e fortalecimento já não funcionavam com as mesmas motivações de quando foram criados e não produziam os efeitos esperados no presente. A consequência desse declínio de sua existência e função resultará, segundo a análise que o próprio Benjamin tinha desenvolvido em 1925 na introdução ao seu estudo do *Trauerspiel*, é o fascismo.

Não é sem desalento que constato – no adiantado do século XXI – que alguns alemães não conseguiram compreender o sentido que a antologia de cartas operada por Walter Benjamin teve para a Europa daqueles anos e como ela poderia produzir sentido ainda hoje. O trabalho de composição visava produzir alternativas ao pensamento burguês, e não sua reforma. O pensamento burguês construiu o sentido do Humanismo moderno, que foi fundamento para a consolidação dos projetos das nações e seus Estados. Em meio à sua primeira grande crise, que resultou nas duas grandes guerras, sendo a segunda a que levou ao chão toda possibilidade de pensamento burguês emancipatório, Benjamin escreveria no estudo introdutório do *Trauerspiel* que “o perigo de cair, dos píncaros da ciência, no abismo profundo do espírito barroco, é grande, e não pode ser desprezado”. (BENJAMIN, 1984, p. 79).

Ainda que estivessem situados em lados totalmente opostos, é importante para os estudos filosóficos e históricos repensar como a crítica ao Humanismo operada por Martin Heidegger pode ser comparada a essa luta empreendida pela obra de Benjamin. Martin Heidegger também refutou a cultura burguesa por ser produtora de impasses. Se se compara a compilação de cartas e outros documentos que testemunham a formação do Humanismo montados por Benjamin à crítica de Heidegger ao individualismo burguês, se pode tecer algum ponto em comum. O primeiro deles é a forma da carta, o envio de uma mensagem a algum destinatário, e a preocupação envolvida em qualquer ato comunicativo de ele realmente acontecer, portanto, em ser recebido e lido antes de ser compreendido. Em

1945, Heidegger escreve cartas em resposta a questões do filósofo francês Jean Beaufret sobre a devastação do projeto humanista na Europa depois do fim da guerra. As cartas são publicadas sob a forma de livro no ano seguinte. Há uma intenção em tentar criar um “fato”, um “ato” comunicativo, antes de se construir algum sentido para o Humanismo. De todo modo, Heidegger quer criar um ato comunicativo marcado pela rejeição ao *nilismo* e à indiferença que se abatiam sobre a Europa após o final da Segunda Guerra Mundial. Em *Cartas sobre o Humanismo*, Heidegger se defende da crítica que analisa sua obra como niilista justamente porque o “*nihilismo* tem como característica a pressuposição de um Ser incapaz de pensar o *nihil*” (1991, p.48). O Ser, para Heidegger, é aquele que é capaz de pensar sua própria decadência e disso sacar sua vida, sendo assim, seu pensamento estava voltado para alguma forma de vida. Ele justifica seu despreço àquilo que associa a ideia de Humanismo à “decomposição da linguagem operada pelo domínio da metafísica da subjetividade” que se “extravia irreversivelmente de seu elemento” (1991, p.6): o de enfrentar-se racionalmente com sua própria decadência.

428

O pensamento de Heidegger no que se refere à sua crítica ao Humanismo leva em conta a operação de enfrentar-se com seu próprio processo de declínio. Esta reflexão se materializa na forma seriada de apresentar a compilação das cartas que compõem a antologia *Deutsche Menschen* de Walter Benjamin, quer seja, a apresentação de uma “filosofia de constituição do sujeito moderno” justamente no paroxismo de sua tragédia, fragmentado, sem unidade restauradora. Benjamin organiza a sequência de cartas, iniciando-a com aquela – pois trata dela já no prefácio – que atesta que essa filosofia do sujeito já nascera com a marca de sua destruição e que não poderia ser unificada ou reunida sob uma identidade. É com a carta que Goethe escreve para Zelter que Benjamin, no prefácio à antologia, constata que em seu próprio “início” o pensamento Humanista de Goethe já se enfrentava com seu próprio fim. Benjamin extrai desse trecho dessa carta a hipótese da antevisão de Goethe para o fim da burguesia.

Ferrovias, correio expresso, barcos a vapor e todas as possíveis facilidades da comunicação são aquilo a que o

mundo culto almeja para se sofisticar e, com isso, permanecer na mediocridade. [...] atenhamo-nos o mais que pudermos à mentalidade da qual viemos; nós, junto a talvez alguns poucos, seremos os últimos de uma época que tão logo não retornará. (BENJAMIN, 2020, p19)

429

A antologia de cartas particulares de humanistas, as compilações de documentos oficiais da Revolução Francesa e outros trabalhos seus – como o livro *Infância em Berlim*, apontado por Adorno como o trabalho equivalente ao enfrentar-se com seu próprio fim do *Deutsche Menschen* – têm o sentido de evidenciar a mimetização que se encena no momento mesmo da derrocada desse conceito ambivalente de Humanismo que ora se distinguia segundo uma determinada concepção de “liberdade” e de “natureza” do homem e sua “identidade”, ora em relação ao seu papel na sociedade. Nisso, na derrocada do Humanismo, coincidem Benjamin e Heidegger, bem como na tentativa de ambos de fazer operar a partir desse declínio uma metamorfose dessa subjetividade em impessoalidade pessoal, marcada por um orbitar entre o desejo e a criação, entre original e cópia, entre passado e presente, sem abrir mão do ímpeto individual que produz a ação dissolvida no coletivo. Diferente de Heidegger que escreve sobre o Humanismo em suas próprias cartas, não abrindo mão, com isso, de sua individualidade burguesa, na compilação feita por Benjamin não se trata de escrever “à própria mão” algo sobre o Humanismo alemão/europeu, e sim de compilar cartas já enviadas, como se houvesse a intenção de operar com violência um maneirismo “humanista” presente na sua seleção de cartas de humanistas destacados. Se Walter Benjamin operou por maneirismos, sua intenção não foi a de restaurar a força de um sujeito centrado em suas próprias práticas, ao contrário disso, quis provocar o pensamento a partir daquilo que foram seus fundamentos quando do enfrentamento com sua decadência, objetivando o reconhecimento e a produção das metamorfoses promissoras.

Cena número 2

Miguel Dalmaroni³: a Amizade, a Intimidade e a Pesquisa

Li algumas das mensagens que o colega Miguel Dalmaroni da Universidad Nacional de La Plata na Argentina enviou aos seus amigos quando as circunstâncias da propagação do coronavírus no seu país fizeram a universidade migrar para o modo de atividades à distância.

Em 28 de maio de 2020, ele lamentava em sua mensagem, cujo título era “Intimidades en Extinción”, que a atividade de ensino mediada pela internet fazia desaparecer a possibilidade do acaso no despertar de novas amizades plausíveis em cada período letivo. Citava como exemplo a história de um engenheiro já formado e mais velho que lhe pediu certa vez para frequentar seu curso na UNLP. O professor Dalmaroni explicou-lhe que qualquer pessoa podia participar de seus cursos. Sendo assim, permitiu a entrada do engenheiro que no decorrer do semestre lhe ofereceu um envelope, contendo panfletos universitários produzidos em sua época de estudante. O aluno engenheiro disse que lhe doava aqueles documentos culturais na certeza de que o professor Dalmaroni saberia qual historiador iria se interessar, valorizar e aproveitar aquele material. Desse intercâmbio cultural, conta-nos Dalmaroni, surgiu uma incrível amizade entre eles, que teve seus fundamentos no conteúdo e no gesto da doação para pesquisa de documentos de cultura.

No que diz respeito às especificidades das relações entre Pesquisa, subjetividade e universidade, Dalmaroni propunha em *La investigación literaria. Problemas iniciales de una práctica* (2009) que mesmo que a moral, a ética, a impostura ou a superstição tenham suas contraposições garantidas na vida íntima da pesquisa,

³ Miguel Dalmaroni é professor Titular de metodologia da pesquisa literária e de Literatura argentina na Universidad Nacional de La Plata. É pesquisador independente do CONICET. Foi professor visitante em várias universidades. Também desempenha papel de avaliador em comissões assessoras em diversos órgãos de fomento nacionais e internacionais. É autor de dois capítulos da *História de la Crítica de la Literatura Argentina*, dirigida por Noé Jitrik. Entre suas publicações destacam-se: *La palabra justa. Literatura, crítica e memoria en la Argentina* (2004); *Una república de las letras* (2006); *La investigación literaria: Problemas iniciales de una práctica*(2009); *Patria y muerte. Escritos sobre literatura argentina y política* (2020).

la “investigación”, “la investigación científica” o “académica” es una actividad y una profesión social definida por una serie de valores y creencias que hacen a la vez de criterios de evaluación de las prácticas de los investigadores, y de norma al menos formal de convivencia profesional. Esos valores y creencias coinciden grosso modo con algunos de los principales valores y creencias de la ideología democrático-liberal o con la concepción secular y moderna de la comunicación libre y por lo tanto legítima, y pueden resumirse en tres nociones estrechamente conectadas: comunidad, publicidad y comunicabilidad universal. Esto es, en la civilización que adoptó los valores y creencias que hasta hace algunas décadas llamábamos “occidentales” o, si se quiere, en el mundo global, la investigación científica pretende representar un tipo de conocimiento cuyos procesos de construcción deben estar consensuados o controlados por la comunidad (en principio la comunidad científica de la disciplina y en última instancia la comunidad en general), cuyos resultados deben ser públicos (es decir, en principio accesibles a cualquier *ciudadano del conocimiento*), y sus modos de transmisión (su semiótica) comunicables (esto es, *hablado* en un código convenido y enseñable y, por lo tanto, también accesible a todos los que hablen el código). (DALMARONI, 2009, p. 14)

431

Depois de ler a reflexão de meu colega da UNLP – que é um especialista em ensino e pesquisa na área de Letras – sobre a pandemia e seu temor pela provável extinção da intimidade acadêmica em consequência da instauração do regime excepcional de aulas pela internet, comecei a pensar sobre o sentido da amizade no meio acadêmico. Me perguntei, se no processo de construção da amizade estaria incluída a intimidade? E, se a resposta fosse afirmativa para a presença da intimidade no relacionamento acadêmico, que tipo de subjetividade estaria envolvida na construção desse lugar compartilhado do íntimo? De que tipo de intimidade estamos falando quando a questão envolve alguém compartilhar comigo um material cultural? Trata-se da intimidade do doméstico ou uma experiência com aquilo que é público?

O comentário e a glosa – que são gêneros acadêmicos – de um material cultural dizem respeito ao mundo exterior e, portanto, não estão situados na ambiência do íntimo e do doméstico. Contudo, estão relacionados a uma ideia de experiência que produz sabedoria que pode ser

compartilhada no público. Quando se dedicou a refletir sobre o estatuto ontológico e político da amizade, Giorgio Agamben ofereceu ao leitor um depoimento de sua tentativa de manter um relacionamento de amizade filosófica com Jean-Luc Nancy por intermédio da troca de cartas. Tais cartas dariam o testemunho do que ele chamaria de “instância desse *com-sentimento da existência do amigo no sentimento da existência própria*” (AGAMBEN, 2008, p. 88-89). Para justificar a proposta de enviar cartas sem propriamente haver algum pacto de intimidade entre os que estão sob o amparo da amizade, Agamben recorre a *Ética a Nicômaco* de Aristóteles para observar certas equivalências entre sua iniciativa e a do filósofo grego. A partir dos fragmentos 1170a 28 até 1171b 35, Agamben elabora uma correlação sensitiva entre ser e viver, mais especificamente entre um sentir-se existir e um sentir-se viver. Segundo suas conclusões, a amizade se sustentaria no próprio fato da existência, ela seria o resultado de uma partilha sem objeto e envolveria uma política. A amizade não estaria atrelada a uma troca entre subjetividades – muito menos entre sujeitos em presença –, não é uma relação entre sujeitos prontos a contratar entre si e, por meio disso, fundar uma identidade e uma sociedade a partir dessa relação. A amizade seria uma força de “des-subjetivação no coração mesmo da sensação mais íntima de si” (AGAMBEN, 2008, p. 90).

A partir dessa proposição me perguntava qual a natureza da amizade que se constrói quando é fundada nessa relação? Agamben responde que ela é, antes que nada, de natureza política. “A amizade é a *condivisão* que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida. E é essa partilha sem objeto, esse *com-sentir* originário que constitui a política” (Idem, p.92).

Em minha vida de orientadora de teses acadêmicas muito frequentemente presenciei colegas e alunos que jamais citavam seus próprios colegas de curso, quem dirá os colegas de instituições vizinhas. Diante desse desconhecimento que nega a existência do amigo tão frequente nas ações da vida acadêmica brasileira, me perguntei se era realmente autêntico o nosso medo de hoje em perder a intimidade com o isolamento social, em decorrência da pandemia do novo vírus. Não teria sido essa imposição do isolamento algo que apenas foi acrescentado ao nosso modo

de operar já extremamente deturpado no que diz respeito às formas da amizade na vida acadêmica universitária? Foi realmente o isolamento social que nos impediu seguir estabelecendo as amizades ou ele apenas atuou como o golpe final em algo que já estava assolado?

As perguntas se avolumavam enquanto escrevia:

Qual o sentido, a partir dessa constatação, do lamento pela perda da intimidade em tempos de pandemia?

Existe algo como um contraponto para essa perda? O que vai sobrar? Qual o lado avesso da intimidade?

Comecei a olhar para a palavra escrita neste texto: intimidade. Olhar para ela e buscar mais sentidos para seu uso. Nessa busca me dei conta de que há uma gama enorme de sinônimos para a palavra intimidade. No entanto, me surpreendeu que, em razão do amplo espectro dos seus sentidos, não haja um único antônimo para ela. No dicionário, não há o avesso da intimidade, não há outro lado. Insisto na escrita. Quero seguir pensando na relação entre os sujeitos a partir da ideia da “des-subjetivação no coração mesmo da sensação mais íntima de si” (AGAMBEN, 2008, p. 90). A partir da constatação da falta do significante para o antônimo da intimidade, decido caminhar na direção de definir dois termos amigos da intimidade para rodeá-la com uma abordagem de não existência. Elegi dois termos para, a partir deles, abordar, bordejar, margear a intimidade, arriscando alcançar sua falta ou a sua não existência. Elegi dois termos que penso bem apropriados para a reflexão que elaboro neste momento. A intimidade como “afeto” e como “conhecimento”. Com essas duas moedas falsas penso nela agora a partir da troca com outro amigo.

Cena número 3

Marcos Siscar⁴ e a Utopia morta pela Euforia na história do Futuro

Marcos Siscar se opôs ao antagonismo analítico entre a objetividade com a qual a vanguarda concretista se constitui no contexto da poesia moderna brasileira e a construção da intimidade pela poesia que não se alinhou aos ditames daquela vanguarda. No ensaio “A cisma da poesia brasileira”⁵, Siscar refuta a visão historiográfica da poesia brasileira que a compreende no âmbito de uma corrida pela superação do atraso da cultura nacional. Geralmente essas visões historicistas culminam – com elogios ou negações – com o advento da Poesia Concreta na literatura brasileira e o cumprimento ou não daquela meta de superação. Siscar elabora no referido ensaio uma relação entre interioridade e exterioridade em relação ao trabalho com o poema, associando ao tempo presente da poesia o sentimento de falta que a tecnologia produz. A proposta era a de encontrar um ponto em que a busca pela superação do atraso fosse compreendida não mais na oposição dicotômica e sim um jogo de espelhamento de diferenças. Indicou com sua análise que a realização da Técnica na arte e na cultura sobrevém em algo que se situa na sua própria exterioridade. Afirma que a plenitude do uso da Técnica – pelo menos no projeto teórico inicial – apenas se realiza no tempo Futuro e que, no presente, o bom uso da Técnica sempre falta. E, nesse sentido, a arte do presente é pobre de Técnica. Ela apenas pode ser assimilada no jogo entre a afeição que provoca e na falta que testemunha. No ensaio, Siscar entende o Concretismo a partir de uma experiência que teoricamente se move pela Utopia do Futuro, que acaba frustrada sendo regida mais fortemente pela Euforia do que pela realização da Utopia.

A partir desses argumentos, ela seria – em consonância com os dois termos que elegi para abordar a intimidade – muito mais “afetiva” do que

434

⁴ Marcos Siscar é poeta e professor de Teoria Literária na Universidade Estadual de Campinas. É pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq. Foi professor visitante em várias universidades. Desempenha papel de avaliador em comissões assessoras em diversos órgãos de fomento nacionais e internacionais. Entre suas obras de crítica literária destacam-se: *Poesia e crise. Ensaios sobre a crise da poesia como topos da Modernidade* (2010); *Haroldo de Campos* (2015); *De volta ao fim* (2016). De poesia: *Roubo do silêncio* (2004); *O interior via satélite* (2010); *Manual de flutuação para amadores* (2015); *Isto não é um documentário* (2020).

⁵ Publicado inicialmente no volume 919/20 da revista literária francesa *Europe* e, posteriormente, no Brasil, nas revistas *Sibila* e *Germina* em 2005.

efetiva. A Técnica – quando atua no tempo presente da poesia – atua enquanto falta, e acaba se situando no âmbito das sensações, do afeto, dependente da amizade e, nesse sentido, pobre em produção efetiva de conhecimento. Desse modo, a intimidade, quando pensada como interioridade psíquica do indivíduo, depende da Técnica, existindo como desdobramento dela: uma quase Técnica de si. Contudo, ela é bem mais pobre se pensada como uma Intimidade metaforizada no conhecimento do mundo cultural e, portanto, exterior. Siscar analisa essa “situação” a partir de um “impasse”.

435

Os acontecimentos que acionam esta cisma poética são certamente heterogêneos e é importante não diminuir a importância nem dos fatos políticos locais (como a anistia e o processo de redemocratização), nem dos fatos políticos mundiais (como a queda do comunismo e, em seguida, a ocidentalização das relações à qual se dá o nome de “globalização”). Quer seja do ponto de vista político, quer seja da perspectiva das novas coordenadas tecnológicas, uma outra situação cultural apresenta-se como horizonte da poesia e da literatura em geral, cujas consequências não são totalmente mensuráveis. No entanto, como se sabe, as situações instáveis (historicamente, poeticamente) são lugares onde a poesia costuma manifestar-se e onde, de todo modo, melhor se manifesta o sentido da sua ligação com o contemporâneo. Eu me limitarei, aqui, a retomar um dos dados que está em jogo nesta abertura, mais próximo dos fatos poéticos e mais próximo dos discursos que abordam a tradição poética brasileira. [...] Igualmente, e de um modo também dramático, a saída desse esquema impôs uma tarefa à nova poesia brasileira, a de encontrar uma voz própria, tarefa ao mesmo tempo banal (na medida em que não se pode esperar outra coisa de um poeta) e exorbitante (pois é a ela, e somente a ela, que se pede). Em outros termos, tudo ocorre como se a poesia, antes de mais nada, devesse explicar-se com o impasse da técnica para poder começar a falar; como se, para poder existir, a poesia devesse medir-se com a amplitude das questões que a precederam. É possível encontrar em muitos poetas uma inquietação quanto a esse *topos*. A inflexão que eles dão à questão relacionada à formalidade (tecnológica, modernizante, poética) torna-se, conseqüentemente, um dos traços a partir dos quais se poderia refletir sobre a passagem da poesia em direção ao devir da sua voz. [...] A superação do impasse sobre o sentido da modernização no Brasil não se dá sem o reconhecimento de seus pressupostos poéticos e políticos. Embora não seja razoável atribuir essa tarefa ao poeta ou à poesia, pode-se conceber que a poesia seja capaz de atrair nossa atenção para esses problemas e, ao nos ensinar um certo modo de ler o mundo, seja também capaz de nos conduzir a uma reflexão sobre as categorias das quais dispomos: “realidade”, “sujeito”, “origem”, “sentido”. Frequentemente considerada como expressão ou formalização de certas estruturas que constituem sua situação (social ou estética), a poesia carrega também uma força de dramatização da dificuldade do

presente que solicita a atribuição de sentido, mas não o estabelece, isto é, não está exatamente adequada às estruturas das quais dispomos para pensar o sentido do social ou do poético. (SISCAR, 2005, p. 45-55)

Tomada como fundamento para essa análise de Siscar, a negatividade dialética de Theodor Adorno o permitiu concluir que a arte do presente somente poderia ser pobre em Técnica e, sendo desse modo, é precária, porque depende de certa Intimidade para ser aceita e compreendida como busca por sua voz própria. Sua adesão é operada pela Euforia, e produz afeição. Entretanto, para Siscar, especificamente no que se refere ao Concretismo, o tempo presente precário é transformado em algo pleno, que operou uma substituição da pobreza pelo acesso à tecnologia no agora daquela poesia. Uma Euforia, no sentido que proponho aqui, em relação à realização da operação da poesia, o que contrastaria com o projeto da Utopia vanguardista de formação de público leitor. No lugar do leitor previsto no ideário da vanguarda, a linguagem poética encontrou seu destinatário no consumidor da cultura de massas, já que os concretistas transformaram a linguagem mediante variadas tecnologias em algo estabilizado, passível de controle com vistas a uma melhor comunicação com o leitor-espectador. O uso da Técnica pela vanguarda do Concretismo veio acompanhado por um otimismo do novo rico.

436

Cena número 4

Tamara Kamenszain⁶ e a presentificação da Pobreza na Revolução e no Pessimismo

Em 2016, na direção inversa ao objetivismo⁷ na poesia argentina, Tamara Kamenszain elabora uma leitura pessimista da Pobreza da Técnica na poesia

⁶ Tamara Kamenszain é poeta e ensina literatura em cursos e oficinas poéticas em universidades da Argentina, México e Estados Unidos. Entre seus principais livros estão: *Tango Bar* (1998), *El Ghetto* (2003), *Solos y solas* (2005), *El eco de mi madre* (2010), *La novela de la poesía* (2012), *El libro de los divanes* (2015).

⁷ Edgardo Dobry faz uma reflexão crítico-histórica da poesia argentina da segunda metade do século XX e percorre um espectro de escritas limitado pelos nomes de “objetivistas” em oposição aos “neobarrosos”. Ao reconstituir a cena histórica propõe que os objetivistas se organizaram como oposição aos neobarrocos ou “neobarrosos”, predominantemente presentes na poesia da década de 1980. Os objetivistas, portanto, terão suas obras publicadas a partir de 1990. Serão eles, entre outros, García Helder, Martín Prieto, Alejandro Rubio, Fabián Casas e Martín Gambarotta. Edgardo Dobry estabelece alguns pontos de relação com outros autores que não os neobarrosos, como os já canônicos Leónidas Lamborghini, Juana Bigozzi e Joaquín Giannuzzi. Ainda, segundo Dobry, o que

do presente. De acordo com as formulações da autora, a Técnica na poesia contemporânea argentina, longe de produzir a tão almejada *des-subjetivação*, mesclou subjetividades ao espaço geográfico. Essa sobreposição entre sujeitos e espaço estaria relacionada aos problemas sociais e econômicos e à falta de projetos para o Futuro no país, o que gerou uma poesia do presente pobre em Técnica e rica em interioridade afetiva, fenômeno nomeado por Kamenszain como “intimidad inofensiva”. Literatura essa, segundo Kamenszain, feita com poucos recursos, relacionando a poesia à pobreza material da sociedade argentina do começo do século XXI. Diferentemente das vanguardas históricas, a intimidade é exposta nessas escritas – feitas com o que se tem – sem a intenção de provocar choque ou “escândalo”. Elas apenas querem dizer “aquí estoy”, enunciando-se como um sujeito fraturado na sua relação com o espaço degradado. Nelas, o conhecimento do mundo está pensado como conhecimento de si – o mundo encontra-se bastante reduzido pelas contingências materiais – o que conflui na acepção do conhecimento como produto de um mundo subjetivo, porém, em processo de destruição. Tamara Kamenszain recorre ao conceito de *extimidad* de Jacques Lacan para dar conta dessa instância enunciativa que ela denomina de “post yo” ou “sujeitos de la reenunciación”.

El término *extimidad*, tal como lo concibe Lacan, representa a lo más próximo [“en ti más que tú” (LACAN, 2010, p. 271)] que al mismo tiempo hace su aparición en el exterior. Se trata de una formulación paradójica que da cuenta del modo de ser del sujeto: lo más íntimo habita afuera, como un cuerpo extraño, produciendo una “fractura constitutiva de la intimidad” difícil de aceptar para el mismo sujeto ya que se trata de “un real que habita en lo simbólico” (MILLER, 2012). (Las heces y la voz serían, para Lacan, ejemplos paradigmáticos de ese real *éxtimo*). Ahora bien, frente a la irrupción de las redes sociales, se comenzó a utilizar el término *extimidad* para dar cuenta de la novedad que significa exponer la propia intimidad en las vitrinas globales de la Web. (KAMENSZAIN, 2016, p. 57-58)

caracterizaría o “neobarroso” ao qual se contrapõe o objetivismo seria sua “latinoamericanidade”, sem a pecha da busca pela “identidade”, contudo, desconstruída por uma concepção de linguagem como jogo e aberta, pensada por Mallarmé e seus herdeiros, mas não sem uma “una festiva melancolía” “que encuentra en la palabra más materia o espejismo que sentido, más juego que significado”. Os poetas neobarrosos estariam orbitando em torno a personalidades como Eduardo Milán (Uruguay), Severo Sarduy (Cuba), Néstor Perlongher (Argentina), José Kozer (Cuba). (Cf. DOBRY, 1999, pp. 45-57)

Se os sujeitos não são capazes de se reconhecerem senão naquilo que está fora de si, como se fosse uma espécie de repetição quantitativa do que está no exterior, resta, portanto, ao sujeito o inventário, mas como há muito pouco a quantificar por causa da pobreza, há que inventar, abrir o real à invenção. Nesse momento é que se torna possível pensar a Revolução. Em *Una Intimidad Inofensiva. Los que escriben con lo que hay*⁸, Tamara defende sua hipótese que a poesia do presente é avessa à Técnica não somente porque rejeita à formalização dialética, mas porque as condições materiais são paupérrimas. Nesse cenário, a Técnica não serviria à Revolução, como o pensamento de Walter Benjamin teria elaborado, nem impediria a Revolução pela produção da experiência reificada, como analisou Adorno. O que produz a Revolução, segundo a análise de Tamara Kamenzain, é a falta da Técnica na sua presença mais concreta. Os sujeitos parecem rejeitar qualquer sonho com as promessas de felicidade oferecidos pela Técnica, como rejeitam igualmente toda formalização, dessa maneira não há a sua postergação para o Futuro. Estariam todos os sujeitos inseridos em um tipo de História do Presente.

438

Em 2020, estamos novamente diante de um velho debate na área das Humanidades, e ele vem agora carregado de uma carga extra de Pessimismo e uma rejeição ao pensamento do Futuro.

Cena número 5

Yuval Harari⁹ em busca pelo Sentido: a Inteligência Artificial e a Subjetividade inoculadora

De modo semelhante ao que defendia Haroldo de Campos com a suspensão da carga semântica do verso, com a finalidade de alcançar com essa estratégia a realização plena da operação linguística, o historiador da Universidade de Jerusalém Yuval Harari vem defendendo certa crença na

⁸ Dois capítulos desse livro de Kamenzain – “Testemunhar sem metáfora” e “Romances parados, poemas que avançam” – foram traduzidos por Luciana di Leone e publicados pela Zazie Edições sob o mesmo título do livro completo. Cf. Kamenzain (2019).

⁹ Yuval Noah Harari é doutor em história pela Universidade de Oxford, especializado em história mundial e professor da Universidade Hebraica de Jerusalém. O primeiro livro da série *Sapiens* teve sua primeira edição em Israel, em 2011, e logo se tornou um best-seller internacional, sendo publicado em quase quarenta países. Em 2012, ele recebeu o Prêmio Polonsky por Criatividade e Originalidade nas Disciplinas Humanísticas. Em 2018, publicou *21 Lições par ao século 21*.

estabilidade da comunicação mediada por uma linguagem balizada pela Técnica. Dos teóricos-críticos discutidos neste ensaio, Harari é talvez aquele que mais aposte em encontrar um sentido para a História. Seu procedimento analítico procede de disciplinas científicas alheias ao campo historiográfico, o que lhe permite associar novos materiais culturais a esta área do conhecimento, no entanto, suas conclusões sofrem as limitações daquele que não maneja as ferramentas analíticas dos historiadores mais atentos à normatividade da área. Suas análises alcançam um grande número de leitores ávidos por repostas, porque procuram atribuir sentido ao que, aparentemente, não tem, saciando assim a sede de histórias coerentes que se adequam ao senso comum. A série *Sapiens* levanta questões complexas sobre o significado da evolução e da experiência humana e tenta lhe fornecer uma explicação plausível.

439

Em seu livro de 2018, *21 lições para o século 21*, propõe que no pensamento sobre a subjetividade humana – individual por definição – seja incluída uma discussão com questões humanistas da Inteligência Artificial. Segundo ele, a associação dos seres humanos às máquinas inteligentes pode melhorar a relação do sujeito consigo mesmo e com outros sujeitos, da mesma maneira otimizaria a tarefa de proteção à vida no planeta. A Inteligência Artificial é capaz de executar certas tarefas antes impensáveis como as relacionadas ao convívio social, à medicina, ao ensino e à arte. Para ele os humanos têm graves defeitos, entre os quais está o de não serem colaborativos, além de terem a imensa dificuldade em se atualizarem. A Inteligência Artificial, por princípio, é colaborativa, trabalha em rede e se atualiza constantemente. Por essas razões, ele advoga que deveríamos aceitar a estabilidade que a tecnologia nos poderia oportunizar. O cerne da discussão já não se encontra limitado à ciência da informação como em tempos da Poesia Concreta. Os pressupostos empenhados por ele estão atravessados pelo pensamento de Walter Benjamin, quando pensou a existência das duas Técnicas, sendo a comunicação uma delas, e pelo pensamento de Giorgio Agamben sobre as formas de vida, o que conduz a discussão da Técnica associada a outras ciências que não apenas à informação, e a mais importante delas é a biotecnologia. Entusiasta da enorme capacidade de eliminar equívocos que essas máquinas de IA podem

ter, Harari lamenta que o custo desse processo de desambiguação da subjetividade seja o da perda da individualidade tal como ela foi formulada pela filosofia Iluminista. Para ele, haveria que se reinventar o processo de formação da subjetividade moderna. E isso será condicionado por uma importante necessidade, a do tipo de trabalho disponível nas metrópoles urbanas do planeta. Assumindo a tese marxista propõe que o trabalho é produtor e reproduzidor de formas da subjetividade. Quem quiser trabalhar no Futuro próximo terá que aprender a ser colaborativo e sua individualidade deverá ser gestada a partir de uma coletividade pensada não somente a partir de seus pares humanos, mas também com as máquinas. Haverá a permissão para que as máquinas façam o que sabem fazer melhor que os seres humanos. A subjetividade deverá ser formada a partir do desenvolvimento e aprendizagem da capacidade de decidir e ao mesmo tempo sendo flexível diante de toda informação disponível no mundo.

440

A questão que novamente se coloca para o humano e sua Humanidade é a da comunicação e do trabalho criativo. Haverá a pretensão, inúmeras vezes tentada por diferentes projetos de modernização, de estabelecer uma relação intersubjetiva fundada ainda na representação e no esclarecimento? Vale lembrar que tanto a representação quanto o esclarecimento pressupõem uma presença, uma origem, ou seja, algo pelo qual se faz a guerra. Walter Benjamin pensou a comunicação da memória para as novas gerações atuando na composição do fragmento, materializada mediante uma linguagem justaposta à memória do mundo e ao inconsciente, o que explica de modo muito pedagógico sua crítica ao “cogito” e ao raciocínio reto. A articulação entre memória do mundo e linguagem produz um modo de expressão que se coloca em marcha como contínua recomposição sem matriz originária, sem destino de reapropriação e muito menos de guerra. A Técnica replicará somente os desejos perseguidos por um sujeito que ousar enfrentar-se com a Técnica.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. “Amizade”. In: _____. *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Tradução de Vinícius Honesko. Apresentação Susana Scramim e Vinícius Honesko. Chapecó: Editora Argos, 2009.

ADORNO, Theodor W.; BENJAMIN, Walter. *Correspondencia (1928-1940)*. Traducción Jacobo Muños Veiga y ViceNte Gómez Ibañez. Madrid: Editorial Trota, 1998.

_____. *Correspondência, 1928-1940/Adorno-Benjamin*. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Gente alemã*. Tradução Daniel Martineschen. Posfácio Susana Scramim. Florianópolis: Editora Nave, 2020.

_____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

_____. *Origem do drama barroco alemão*. Tradução Sergio Rouanet. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1984.

_____. *Gesammelte Schriften, Fragemnte Autobiographische Schriften*. Band VI. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag 1932/1980.

441

_____. *Gesammelte Schriften, Briefe*. Band IV. Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1991.

DALMARONI, Miguel. *La investigación literaria: Problemas iniciales de una práctica*. Santa Fe: Ed. UNLP, 2009.

DOBRY, Edgardo. “Poesía argentina actual: del neobarroco al objetivismo”. *Cuadernos Hispanoamericanos*, n. 588 (junio 1999), pp. 45-57.

KAMENSZAIN, Tamara. *Una Intimidad Inofensiva. Los que escriben con lo que hay*. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2016.

_____. *Os que escrevem com pouco*. Tradução Luciana di Leone. Copenhagen: Zazie Edições, 2019.

HARARI, Yuval. *21 lições para o século 21*. Tradução Paulo Geiger. São Paulo Companhia das Letras, 2018.

HEIDEGGER, Martin. *Cartas sobre o Humanismo*, tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. “Filosofia da técnica: arte como conquista de um novo campo de ação lúdico (*spielraum*) em Benjamin e Flusser”. *Artefilosofia*, n.26, Julho/2019, p. 52-85.

SISCAR, M. A cisma da poesia brasileira. *Sibila*, v. 5, n. 8-9, p. 41-60, set. 2005.

Resumo: A motivação para essa reflexão nasce do impasse produzido pelo distanciamento social imposto a toda sociedade urbana do planeta em razão de uma pandemia descontrolada. O ensaio convoca um pensamento coletivo na busca de alternativas diante do sequestro abrupto de nossas práticas cotidianas de ensino na universidade, o qual fomos forçados a submeter-nos com muitos dos métodos e instrumentos rechaçados por nós mesmos até então. Além disso, os motivos pelos quais os rejeitávamos passam pela justificativa de que esses meios nos levavam para longe de nossos objetos e objetivos.

Palavras chave: intimidade, pensamento, pandemia, educação pública

Abstract: The motivation for this reflection arises from the impasse produced by the social distance imposed on all urban society on the planet due to an uncontrolled pandemic. The essay calls for collective thinking in the search for alternatives in the face of the abrupt hijacking of our daily teaching practices at the university, which we were forced to submit to with many of the methods and instruments that we had rejected until then. Moreover, the reasons why we rejected them go through the justification that these means took us away from our objects and objectives.

Keywords: intimacy, thought, pandemic, public education

Recebido em: 19/08/2020

Accito em: 06/12/2020